

# OFICINA DE FOTOS: UMA ATIVIDADE PARA RE-INVENTAR A ATIVIDADE DE TRABALHO

Claudia Osório  
Dep. de Psicologia UFF; Mestrado de Psicologia - Estudos da Subjetividade  
[cosorio@vm.uff.br](mailto:cosorio@vm.uff.br)

Desde o ano de 1988, abriu-se no Brasil, com a Constituição que então se promulgava, uma via de abordagem do trabalho em relação com a saúde e com a saúde coletiva: a via da Saúde do Trabalhador, definida a partir de então como parte do Sistema Único de Saúde – SUS. Ampliava-se, com essa nova definição política e jurídica, a necessidade que já sentíamos de desenvolver metodologias para a abordagem clínica do trabalho.

O campo da Saúde do Trabalhador no Brasil tem recebido diferentes contribuições no que diz respeito ao conhecimento das relações entre trabalho e subjetividade. Têm sido desenvolvidos no Brasil estudos do desgaste associado aos processos de trabalho, da psicologia do trabalho italiana, da psicodinâmica do trabalho, dos estudos epidemiológicos em saúde mental e das teorias do estresse. Estes últimos, junto com estudos do burn-out e do assédio moral parecem tornar-se cada vez mais freqüentes.

De modo geral, a noção de sofrimento psíquico, frente aos constrangimentos impostos pela organização e condições de trabalho, é central. A luta pela saúde é enfocada sobretudo como luta contra o sofrimento. Já a contribuição de autores que sublinham a importância de produzir caminhos para a ampliação do poder de agir dos trabalhadores como estratégia para a superação das condições de produção deste sofrimento tem sido pouco explorada.

Na Clínica da Atividade, que tem Yves Clot como principal autor, a compreensão da relação entre trabalho e subjetividade não é centrada na luta contra o sofrimento, mas na atividade de trabalho como fonte permanente de recriação de novas formas de viver. A Clínica da Atividade retoma um caminho apontado por Ivar Oddone (Oddone, Re & Briante, 1981), de atenção às possibilidades de superação de impasses pelos próprios trabalhadores; por esta via dá-se um deslocamento do analista do trabalho, do expert, da posição de protagonista da investigação e da produção de inovações, ficando a condução do processo nas mãos dos trabalhadores. De acordo com I. Oddone, *“trata-se de fazer uma outra psicologia do trabalho consagrando todos os esforços à busca de um só objetivo: aumentar o poder de ação dos coletivos de trabalhadores sobre o ambiente de trabalho real e sobre si mesmos. A tarefa consiste, então, em inventar ou reinventar os instrumentos desta ação, não mais protestando contra os constrangimentos, mas pela via de sua superação concreta”* (Clot, 2001 : 9). A escolha da Clínica da Atividade como ferramenta teórica é sobretudo uma escolha relacionada a uma concepção de

trabalho como um processo coletivo e singular, de criação e recriação da história de um ofício; e da atividade de trabalho como processo de produção não só de coisas ou serviços, mas também de subjetividades. Intervindo na atividade, estamos intervindo no subjetivo.

### **Atividade e Subjetividade**

Em minha opinião, as demais abordagens mencionadas, embora venham sendo importantes em vários aspectos, não apresentam a mesma força com relação ao objetivo de ampliação do poder de agir dos trabalhadores.

Se tomarmos, por exemplo, a contribuição, bastante conhecida no Brasil, da Psicodinâmica do Trabalho, encontraremos uma concepção de homem e de subjetividade que valoriza a noção de indivíduo, indivíduo esse em busca de sua identidade, e movido por uma angústia original da qual não pode se desembaraçar (Dejours, 1999). Nas palavras de Dejours, para a Psicodinâmica do Trabalho, a subjetividade é entendida “*como produção psíquica da luta contra o sofrimento*” enquanto para a Clínica da Atividade, a subjetividade é entendida “*como produto da atividade*” (1999: 206).

A atividade, unidade central de análise, é sempre mais do que os gestos realizados, passíveis de observação direta. Sujeita a pressões, a normas e a situações mutantes, a atividade sempre se realiza em um plano de interferências de intenções, exigindo decisões do operador que deve, então, proteger as suas de outras intenções concorrentes. Para além de uma concepção desencarnada da atividade de trabalho, propõe incluir neste conceito os conflitos do real. A atividade não é somente aquilo que se faz. O real da atividade é também o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, o que se tenta fazer sem conseguir – os fracassos - aquilo que se desejaria ou poderia fazer, aquilo que não se faz mais, aquilo que se pensa ou sonha poder fazer em outro momento. É necessário acrescentar aqui aquilo que se faz para não fazer o que tem que ser feito ou ainda o que se faz sem desejar fazer. Sem contar o que deve ser feito. A atividade possui então um volume que transborda a atividade realizada.

Em matéria de atividade, o realizado não possui o monopólio do real. A fadiga, o desgaste psíquico, se compreende tanto por aquilo que os trabalhadores não podem fazer, quanto por aquilo que eles fazem.

Na formulação de Miguel Maia,

Toda atividade de trabalho pode ser entendida como um encontro entre corpos, atravessamentos múltiplos que se agenciam, se interconectam, demandando escolhas e decisões e, portanto, tornando todo trabalho uma atividade de criação. Mais do que um mero executor de tarefas, o

trabalhador constitui e é constituído pela sua atividade, sendo ao mesmo tempo produtor e produto, estando presente a capacidade de afetar e de ser afetado. Um trânsito no qual o coletivo devém singular e o singular devém trabalhador e, simultaneamente, o singular devém coletivo e o coletivo devém gênero da atividade, de forma que a competência se produz em uma emergência no e através do plano no qual singular e coletivo não são dicotômicos, mas causas/efeitos (...) de atravessamentos de corpos (Maia, 2006: 30-31).

No trabalho se dá a construção coletiva de recursos para ação, constituindo-se o gênero da atividade de trabalho: um conceito que, nessa perspectiva, não remete à divisão sexual do trabalho, mas a um plano coletivo de constituição do trabalho.

Este referencial comum, do qual o gênero é constituído e constituinte, não deve ser entendido como o somatório dos referenciais individuais, como se ele fosse o todo do qual os indivíduos seriam as partes, pois ele possui um componente transpessoal, ou genérico, no sentido de que sendo de todos a ninguém pertence. O gênero se constitui na dimensão transpessoal do ofício. É uma espécie de “corpo intermediário” (Clot, 2006) que permite, por exemplo, que dois trabalhadores que não se conhecem possam ser capazes de se coordenarem eficazmente para realizar um objetivo difícil dentro de um contexto complexo de trabalho. Este referencial elaborado em comum estabelece as regras não escritas e não imutáveis em uma situação dialógica que supõe a elaboração comum. Ele inscreve o saber-fazer considerado na história de um coletivo, o coletivo de ofício.

Singular e coletivo ao mesmo tempo, o gênero é sempre plural. Em toda atividade que se processa concorrem gêneros diferenciados, exigentes de um tempo para que possa haver a elaboração comum, só possível se privilegiarmos a formação de coletivos de trabalho. O tempo de produção sem considerar o tempo necessário a esta elaboração comum, tão característico da organização do trabalho contemporâneo, em realidade impede de trabalhar.

Ter acesso ao gênero e ao tempo necessário para dele se apropriar é fundamental para o processamento da atividade. Sem isso, dificulta-se que o gênero exerça sua função de meio de ação, fazendo com que aqueles que trabalham estejam entregues a si mesmos em uma situação que se degrada, amputados em sua capacidade de agir, em sofrimento psíquico.

Para que o gênero se mantenha em boas condições, ele precisa ser renovado por uma permanente estilização. A análise do trabalho apresenta-se então como uma possibilidade de intervenção clínica, que tem como objetivo restabelecer o dinamismo do gênero.

A partir de uma experiência com profissionais de saúde, venho trabalhando em dois dispositivos de análise do trabalho: o método de

análise coletiva de acidentes de trabalho (Osorio, Machado & Minayo-Gomez); e a Oficina de Fotos, experiência sobre a qual me deterei hoje. Ambos os dispositivos de análise foram construídos em uma experiência de atuação e supervisão de estagiários de psicologia na Comissão de Saúde do Trabalhador de um Hospital público da cidade do Rio de Janeiro e constituem-se num meio de formação permanente para os profissionais de saúde, assim como para os analistas do trabalho em saúde, sejam eles estagiários ou profissionais já habilitados.

### **A Oficina de Fotos**

A primeira Oficina foi realizada em 2005, numa manhã, das 8 às 12 horas, e foi seguida de uma reunião de restituição, de uma hora de duração, realizada após 4 semanas.

Para trazer o profissional de saúde para o lugar de analista, propusemos que o profissional de saúde participante produzisse diretamente o material a ser analisado: fotos de situações positivas para a saúde do profissional e fotos de situações negativas para a saúde do profissional.

#### **Apresentar os slides.**

Em um grupo de 12 profissionais participantes foram organizados 4 subgrupos, cada um portando uma máquina fotográfica digital e acompanhado de um monitor encarregado de dar suporte à tarefa sem interferir na escolha dos temas. Antes de se dirigir a seus setores de trabalho o sub-grupo discutiu o que iria fotografar. Dirigiu-se ao local escolhido tendo um tempo definido para o retorno. Cada sub-grupo tinha a tarefa de mostrar ao grupo maior 5 fotos de situações positivas e 5 de situações negativas. Os sub-grupos retornaram com muitas fotos e fizeram então uma seleção das fotos a serem exibidas para debate. As fotos selecionadas foram exibidas com o auxílio de data-show e discutidas uma a uma. Ao final foram selecionadas 10 fotos para compor um pôster a ser apresentado como trabalho na Assembléia Científica anual do Hospital. Neste pôster, os participantes da Oficina figuraram como “fotógrafos”.

Nesta primeira Oficina pudemos construir algum conhecimento acerca do trabalho que “faz sentido” para as enfermeiras, técnicas e auxiliares de enfermagem do hospital: o trabalho realizado em meio a relações de colaboração, principalmente interprofissional; a boa organização ou a ordem como facilitadora do trabalho bem feito; a atenção ao doente; a possibilidade de momentos de pausa e descanso. Dá-se importância também à disponibilidade de recursos que facilitem a vida tanto dentro quanto fora do trabalho: a agência bancária dentro da unidade hospitalar, a capela como local de recolhimento, as flores e a bonita vista da Baía da Guanabara.

Temíamos que fosse difícil, para o grupo, produzir fotos de situações positivas, mas isso não ocorreu. Pensávamos também que

puddessem surgir muitas fotos de aspectos relacionados a biossegurança, agulhas, caixas de descarte, coisas assim; isto também não aconteceu. Ao contrário, as relações entre componentes da equipe e desta com os pacientes predominaram. Nos diálogos produzidos, a indicação inicial de “situação positiva” ou de “situação negativa” se perdia no debate das múltiplas questões que as situações selecionadas suscitavam.

A partir de então outras Oficinas de Fotos foram realizadas com pequenas variações na sua dinâmica, buscando sempre desenvolver a proposta metodológica da Clínica da Atividade.

Numa intervenção mais longa, num serviço de tratamento pediátrico intensivo, foram feitas fotos seqüenciadas de procedimentos técnicos realizados em colaboração por médicos e profissionais de enfermagem, propiciando debates em que a técnica propriamente dita é abordada em estreita relação com as relações de equipe e com o paciente.

### **Apresentar a seqüência.**

A intervenção proposta aqui busca mais do que conhecer, analisar ou denunciar as formas de dominação e sofrimento existentes, busca uma aliança, com as possibilidades que os trabalhadores têm de criar e recriar suas próprias relações com sua atividade profissional. Ela deve levar o trabalhador à posição de observador de seu próprio trabalho. O analista do trabalho, como interlocutor, deve possibilitar que o trabalhador se surpreenda com aquilo que, por muito familiar, ou por suscitar sofrimentos relativos aos impedimentos da atividade, passa desapercibido. Por esse caminho – por esse método - os diferentes modos possíveis de enfrentamento do real da atividade podem ser postos em debate, desenvolvendo o gênero e ampliando suas possibilidades como instrumento para a ação de cada um.

Na Oficina de Fotos as várias etapas da tarefa proposta exigem dos participantes a tomada de decisões que só será possível pondo-se o trabalho de todo dia em debate. Modos diferentes de fazer e pensar o trabalho vem à baila quando se tem como tarefa coletiva definir o que fotografar, o que não fotografar, como fotografar as situações escolhidas, o que e como apresentar para o debate com um grupo maior. Este debate se dá inicialmente num grupo restrito de pares. Amplia-se quando se define o que será apresentado ao grupo maior e ao analista do trabalho que coordena a Oficina. Prossegue enfim com a definição do que e como apresentar a grupos maiores: no caso da primeira Oficina realizada, o que apresentar ao Hospital, através de um pôster para a Semana Científica. Com esse instrumento, o ofício fala, diálogos diversos são entabulados em diferentes planos que se cruzam.

Na Oficina de Fotos:

- Desloca-se o trabalhador para o lugar de observador e analista do seu trabalho. O psicólogo do trabalho propicia o diálogo e seu desenvolvimento, favorecendo que a experiência existente possa ser usada para viver novas experiências.
- Faz-se o debate sobre uma marca do trabalho: uma marca produzida coletivamente, já como fruto do diálogo que põe o gênero em manutenção; deste modo, o debate se faz sobre a atividade, evitando a personalização e o julgamento sobre as escolhas individuais.
- O debate se faz de modo recorrente, favorecendo deslocamentos, elaborações e re-elaborações, nas análises que se produzem.

## **Conclusão**

Na perspectiva da Clínica da Atividade, a atividade de trabalho é sempre dirigida, é dialógica. Na atividade necessária para, partindo do trabalho prescrito, atingir os objetivos propostos, o trabalhador se dirige, dialoga, consigo mesmo, com seu objeto de trabalho e com seus pares. Estes diálogos são tanto reais quanto virtuais. O trabalhador busca os caminhos, ou melhor, constrói esses caminhos, por encontros, desvios para contornar obstáculos, estabelecimento de colaboração, resolução de divergências... Para este trabalho, o diálogo com o gênero profissional, com a experiência coletiva transformada em recurso para a ação, é indispensável.

O falar sobre o trabalho produzido na Oficina se dá, como a própria atividade de trabalho cotidiano, num diálogo triplamente dirigido. O trabalhador discute consigo mesmo, com seus pares e também com seu objeto de trabalho. A função do analista do trabalho é produzir um tipo de interferência que propicie o desenvolvimento do gênero profissional. Ao ter que explicar para o analista do trabalho o que é sua atividade cotidiana, quais são seus diferentes aspectos e caminhos, ao ter que convencê-lo de suas próprias convicções, o trabalhador dialoga com o gênero, lança mão de seus recursos e atua sobre estes, numa atividade que se dá sobre sua atividade de trabalho cotidiana.

Há intervenção. Quem analisa o trabalho, quem o desenvolve não é um especialista, mas o próprio trabalhador.

E há produção de conhecimento. Muito se fala sobre os enigmas do trabalho, sobre o complicado que é conhecê-lo. Sendo a atividade de trabalho um processo, neste caminho pode-se por esse processo em marcha e, acompanhado suas transformações, ter acesso a ele.

## Referências Bibliográficas

CLOT, Yves. Éditorial, *Éducation Permanente : Clinique de l'activité et pouvoir*

*d'agir*, v.146, p. 7-16. 2001.

CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

DEJOURS, C. (1999). Psychologie clinique du travail et tradition compréhensive. In Y. Clot (Org.), *Les histoires de la psychologie du travail: approche pluridisciplinaire* (pp. 195-219). Toulouse: Octarès.

MAIA, M. A. B. (2006). *O corpo invisível do trabalho: cartografia dos processos de trabalho em saúde*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ODDONE, Ivar, RE, Alessandra & BRIANTE, Gianni. *Redécouvrir l'expérience*

*ouvrière: vers une autre psychologie du travail?* Paris : Messidor, 1981.

OSORIO, Claudia, MACHADO, Jorge & MINAYO-GOMEZ, Carlos.

Proposição de um método de análise de análise coletiva dos acidentes de

trabalho no hospital. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 21, n. 2, p. 517-524.

2005.